

MEMÓRIAS DA CIDADE VIVIDA

Nos últimos meses, estive envolvido com a produção do meu novo livro “Anacrônicas da Franca do Imperador” (a ser lançado no dia 4 de agosto próximo). Rer ler textos que remetem à vida urbana numa cidade do interior me fez lembrar um artigo do arquiteto e urbanista goiano Leonardo Dimitry Silva Guimarães publicado na Vitruvius (um dos melhores sites de arquitetura do Brasil) e do recente romance “A noite da espera” do premiado Milton Hatoum, também um arquiteto. Ambos mostraram as profundas imbricações da memória com a cidade em que vivemos e das imagens que esta memória evoca a partir da infância, das ruas que começamos a freqüentar, os prédios, os clubes, as escolas, tudo aquilo que tem um significado mais profundo como referência do tempo vivido. A foto (início dos anos 1960) que ilustra esta crônica é um exemplo do que falo: o garoto de calças curtas que caminha pela Rua do Comércio poderia ser eu, a barbearia (do Roberto Maniglia) era onde cortava a cabeleira e o sobrado do Calçados Spessotto (à esquerda) foi onde a Cristina Fuentes comemorou seus 15 anos e a namorada brigou porque fui de calça jeans à festa.

Evidente que a Rua do Comércio que conheci na infância nada tem a ver com a Rua do Comércio do centro de Franca hoje, com seu calçadão, sua poluição visual, sua multidão de gente com sacolas de compras nos gigantescos templos do consumo popular atuais, que em nada se parecem com as singelas lojas Cinderela ou Betarello (onde era tudo “bom, barato e belo”) dos brinquedos objetos de desejo da minha meninice.

O texto de Guimarães evoca, com propriedade, que nos lembramos dos espaços urbanos e das edificações que vivenciamos na infância e que continuam na memória de cada um, mesmo que já tenham desaparecido há muito tempo, coisa que sedimentou em meu modo de ver a vida e efemeridade da “arte aplicada” que é a arquitetura. Projetos de Oscar Niemeyer, Carlos Lack e tantos outros grandes arquitetos foram demolidos ou adulterados, porque comigo seria diferente? Assim, projetos e obras que fiz hoje são irreconhecíveis até para mim, demonstram que o que fica é muito pouco de nossa passagem profissional, além da honestidade e dedicação ao trabalho.

O belo texto de Guimarães diz que a passagem do tempo vai impactar a todos que vivem na cidade, mas de formas diferentes: “Os velhos lamentarão a perda do muro em que se recostavam para tomar sol. Os que voltam do trabalho acharão cansativo o caminho sem a sombra do renque de árvores. A casa demolida abala os hábitos familiares e para os vizinhos que a viam há anos aquele canto de rua ganhará uma face estranha ou adversa. Destruída a parte de um bairro onde se prendiam lembranças de infância do seu morador, algo de si morre junto com as paredes ruídas, os jardins cimentados. Diante da vicissitude inerente à *urbe*, é a rebeldia da memória que repõe as pedras em seus antigos lugares, em resposta à perda da referência espacial – que seria a perda de uma tradição que nos ampara. Por isso os edifícios demolidos e caminhos desfeitos sobrevivem além da concretude, nem que seja apenas pelo nome tradicional de uma rua – ainda que os sinais que lhe deram origem já não existam mais”.

A cada caminhada pela cidade, vejo novos prédios em seus horizontes, bairros que brotam do nada e logo estão pontilhados de construções, abrigando novos moradores, famílias, crianças, velhos, não importa, é um privilégio conviver tanto tempo com a mesma cidade e vê-la crescer, mudar, com suas luzes feéricas esparramadas por colinas e colinas, pois de alguma forma e cada um com seu trabalho, é sempre a cidade que ajudamos a construir. E para os arquitetos, isso deveria importar tanto quanto a redução das desigualdades e da miséria que

convivemos sem a indignação e vergonha que deveria provocar em todos que poderiam ajudar a mudar essa realidade.

Mauro Ferreira é arquiteto